

RAIZ ANCESTRAL

[Banda] § Música alegre §

[Homem no microfone] Vai o som... segura!

§

§

Vai o som... segura!

§

§

Êh! Êh! Êh! Êh!

§

§

§

Boa noite, pessoal!

Aqui está a Banda Cabaçal dos Irmãos Anicete!

Vamos fazer uma apresentação cultural...

mostrar nossas origens, nossa tradição,

o nosso pé de serra do nosso Cratinho.

202 anos de tradição. Quarta geração.

A Banda Cabaçal vem dando continuidade a esse trabalho...

deixado pelo meu avô, meus pais...

os pais dos meninos aqui...

Mestre João, Mestre Chico, Mestre Antônio...!

Então, a gente vem dando continuidade a esse trabalho...

e mostrando nossa identidade.

§

§

§

§

§

[Adriano recitando] "A estrela D'alva é bonita Quando vem rompendo a aurora

"As árvores do campo choram O pássaro preto canta e grita

"O soldado na guarita Cobre a cabeça com véu

Como um planeta no céu E a estrela D'alva é bonita."

Estamos aqui nesse lugar justamente onde começou tudo.

A história da banda, dos meus tios, dos meus avós...

tudo saiu daqui desse pé de serra.

E aqui eu me sinto em casa.

Eu tô aqui no sítio, onde me sinto feliz.

A gente fica com a alma leve, com o espírito bem relaxado.

Porque o pé de serra é isso.

Aqui é onde a gente raciocina, pensa,

pesquisa a música, observa a natureza...!

[Homem] Adriano, fiz um baião...

[Adriano] Isso tudo é uma alegria.

A gente fica alegre quando vai pra roça trabalhar.

A gente passa o ano planejando como plantar... como vai ser.

Isso traz inspiração. É de onde a gente pesquisa os pássaros...
tamo na roça fazendo a terra,
e aí vem um pássaro cantando, vem um animal passando...!
A gente, achando interessante, começa a observar...
e dali a gente cria o espetáculo.
Aqui é um exercício. Você tá exercitando...!
[Homem] Esqueci do fumo! Óia!
[Adriano] Aqui, você...
não passa o dia pensando em coisa ruim.
Você distrai na roça.
Você passa o dia fazendo aquele exercício.
Quando é meio-dia, você vai almoçar...
aquele apetite bom!
[Banda Cabaçal] \$ Música alegre \$

\$

\$

\$

\$

[Adriano] O pessoal desse pé de serra tudinho...
faz a Renovação do Coração de Jesus...
aí, tudo é animado com a Banda Cabaçal, né?!
A gente chega no recinto... toca...
chega com aquela marcha bem bonita, faz a venda do santo...
aí, sai pra fora e começa a tocar...
pra animar o povo lá dentro, tomando cafezinho com bolacha,
tudo festejando a Renovação do Coração de Jesus.
A gente toca até no final da reza, da renovena.
\$

[Geraldo] Conheço toda a Família Anicete.
Morava aqui, nesses terrenos...
Nesse mesmo! Tudo é um terreno só!
É uma família decente essa Família Anicete.
Ainda hoje estão tocando... por aqui!
Quem chama?! Vem eu mesmo!
Tô acostumado com os Anicete.
O negócio não anda, no ano que eles não vêm.
Aí, é coisa boa...
o conhecimento da pessoa, a vivência...
se dá tudo... tudo unido... satisfeito...
é a coisa melhor que tem.
Tudinho toca junto! Tudinho! São uma coisa só!
É bonito...! Como é importante, né?!
Não tenho o que falar dos Anicete...!
É a união! Coisa boa é união!
Ser unido! Porque a pessoa unida é bom demais, rapaz!
Não tem melhor, não!

\$

\$

[Adriano] A origem da Banda Cabaçal...
é indígena.
Porque antigamente, no tempo dos meus avós,
essas zabumbas eram feitas de cabaça... cabaças da roça.
Eles plantavam aquelas cabaçonas,
dava umas moringas...!
Em São Paulo, chamam moringa. Aqui, pra nós, é cabaça.

Dava umas cabaçonas bem grandonas.
Então, essas zabumbas começaram a ser feitas com cabaça.
Eles serravam a cabaça de um lado e do outro,
botavam os couros de um lado e do outro,
e formava a zabumba.
"Vamos botar o nome da banda", no tempo lá do meu avô.
Aí, formou a banda. Aí... "Como nós bota?".
"A zabumba não é de cabaça?! Vamos botar 'Banda Cabaçal'."

[Carlos] Os Irmãos Anicete...
eu já tinha visto tocando na televisão,
nesses programas aí de tevê educativa.
E sempre foi aquela coisa pessoal da Banda Cabaçal, né?!
Sempre teve aquela aura de mistério,
justamente porque é uma das primeiras,
se não for a primeira banda de pífano brasileira.
Eles têm esse DNA do índio... né?!
Ao mesmo tempo, eles têm o DNA da música europeia.
Eles têm essa noção da coisa religiosa,
da coisa de tocar em novena... da coisa de fazer o espetáculo.
Eles foram adaptando essa coisa toda pra festa...
pro folguedo banda de pífano, Banda Cabaçal, esquentamulher,
essa coisa toda ligada à tradição da Igreja...
justamente porque é uma banda que dá pra andar... é barato...
não custa aquele monte de instrumento de metal...
aquela coisa toda...
e, ao mesmo tempo, é uma coisa que conduz.
[Adriano] Com 8 anos, eu já acompanhava meu pai...
pra ser renovação aqui no pé de serra.
Eu pequenininho já acompanhava ele. Eu atrás, e eles tocando.
Eu toda a vida tive interesse.
Aquela vontade de tocar já vem da natureza da gente mesmo...
de dentro da gente.
Então, eu fazia zumbumbinha de lata, de plástico...
chegava em casa com aquela vontade...!
Aí, começava a tocar sozinho. Juntava a garotada...
fazia uma bandinha... aquela festa de menino...!
E fazia de conta que era os Anicete.

[José Vicente] Eu trabalhava em outras coisas...
era em gesso, lavanderia... essas coisas.
Eu trabalhava, mas sempre pensando na banda.
Mas já saí daqui tocando.
Eu, com 8 anos, me sentava num banquinho desse aqui,
e meu pai dizia: "Meu filho, é por aqui".
Meu pai faleceu.
Aí, mandaram me chamar, e eu vim.
Porque a banda é quem sustenta a gente, é quem dá força.
O público que toma a gente é tudo animado...
é foto, é dançando...!
A maior alegria do mundo que tem é essa bandinha nossa aqui.

[Cícero] Com 7 anos, eu já tocava esse instrumento aqui.
Esse instrumento aqui eu já comecei soprando com 7 anos.
E tinha um problema que eu tinha: eu era curioso.
Eu ficava só olhando e dizia:
"Isso aí eu vou tentar aprender".
Aí, peguei... ficava olhando...
mas não tinha muita habilidade, devido a eu ser criança.
Mas eu tinha curiosidade de fazer... ficava olhando...
e disse: "Quer saber?! Vou me interessar nesse instrumento".
Até hoje tô nesse instrumento.
A gente também é poeta... faz poesia, faz rima...!
É como se diz: a gente é um artista completo.

A gente não tem muito estudo,
mas tem uma inteligência imensa e uma boa vontade que ajuda.
"Bora fazer uma música aqui"... e a gente se reuniu, nós cinco,
se a gente precisar, a gente faz.
A história da gente é assim.
A gente faz o que pensa. Vem da mente. Faz na hora.

[José] Nós se inspira nos pássaros...
nas árvores, tudo nós...
se inspira na cultura, né.
Isso é Os Irmãos Anicete.
Quando tocamos pro público, a gente tem o maior prazer.
A gente também tá alegre.
Mas 202 anos, completou agora, a banda Os Irmãos Anicete.
Então, Os Irmãos Anicete é a cultura viva do nosso Ceará.

[Cícero] Me sinto honrado e feliz
de estar ao lado dos mestres, e aprendendo, né.
Porque ninguém aprende a tocar um instrumento...
É coisa demais!
E eu me sinto feliz por estar na banda,
dando continuidade ao que meu pai deixou.
§ Música animada §
Esse é o forró do Cariri!

Aquele forró pé de serra!
Eu toco zabumba e represento a banda...
nos palcos, eu é quem represento, falo...
Tô à frente da banda...
substituindo o mestre Raimundo.
Quando ele tava com saúde, ele pediu:
"Tente ficar um pra resolver,
representar a banda, contar a história e tudo!".
Mas vá! Eeei!!!

§ Flauta §

§

§

§ Pratos §

§ Flauta §

§ Tambor §

§ Quem tem paturi tem pato Quem tem asa cai no laço §
§ Quanto mais quem não avoa §
§ Xô, xô, gavião! Xô, xô, gavião! §
§ Xô, xô, gaviããã! §
Peneira, gaviãozinho!
Essa música foi feita pelo mestre João.
Ele pesquisou, pela coã ser um pássaro astrólogo,
que adivinha a chuva dos invernos,
que aqui pra nós tem uma ciência, o agricultor,
se a coã canta no pau verde, é que o inverno vai ser bom,
mas se ela canta no pau seco, pode desacunhar a enxada
que vai ser um ano de seca.
E o gavião por ver isso,
que a coã é um pássaro adivinhamento...
aí se interessou!
§ Gavião mandou pedir a coã pra se casar §
§ Gavião mandou pedir a coã pra se casar §

§ A coã lhe respondeu: Gavião, não tem casa pra eu morar! §
§ A coã lhe respondeu: Gavião, não tem casa pra eu morar! §

Vamos fazer uma música com pássaro, com fulano...
Vamos fazer uma música com esse lugar, tá tão bonito!
Com nosso sítio, com a roça, então começamos a pesquisar...
Pega um daqui, um animal daqui, um canto daqui.
E monta aquilo... e faz a música.

§ Debaixo das minhas asas tem casa pra nós morar §
§ Tem sala, tem camarim, a coã tem rede de balançar §
§ Tem sala, tem camarim, a coã tem rede de balançar §
Ô coisa boa!

Tudo isso a gente observa da natureza, pesquisa.
Então a gente aprende...
que "conveve" com a natureza e aprende essas coisas.
As músicas também, bolada, toada...
poesia... tudo isso vem tirado do nosso dia a dia na roça.
Palestrando e conversando.
Aí forma na música, né.
A gente faz o número e tem de ter o espetáculo, a dança.
O tirador de abelha quando o marimbondo ferroa,
ele não sai correndo, todo...
Então tem de ter a ferroada, ele ferroando e o movimento.
Então, com aquele movimento vamos fazer a dança.
A gente brigando na roça, lutando de verdade...
aí é outra coisa, agora vamos fazer em alegria a luta?

§

§

[José] Aí a gente vendo aquilo, digo: "Não, vamos fazer a dança".
Que do jeito que a gente faz na roçadeira,
que joga no chão, que sai todo coçando e pinotando,
eu digo "É a mesma coisa de nós fazer no palco".
Aí... arrumar um marimbondo mesmo,
pra pegar o cabo mesmo... é valente, viu!
§

[Adriano] Esse cabra tá valente!
Vai comprar!
§

[Cícero] Cada música, cada espetáculo, cada performance de dança...
a gente tem a sonora, que é a música,
e a gente também faz poesia.
Aí a gente fez uma poesia do homem pobre.
"O 'homi pobi' não pode ser verdadeiro
"nem pode 'ajuntar' dinheiro no serviço de alugado.
"Porque ele vai na segunda, vai terça, vai na quarta,
"vai na quinta e no sábado tá enfadado.
"No outro dia, vai pra casa do patrão: 'Bom dia, cidadão',
"ele diz logo: Não tenho dinheiro trocado.
"Ele volta pra casa, bate mão-jereré,
vai pescar mais mulher e depois morre afogado."
Como é que dá esse negócio. É o sofrimento do "homi pobi".

[Adriano] Chegou!
Ave Maria!

§

[Carlos] Todas as músicas são músicas deles, o gestual...
a maneira de apresentar...

o show, o espetáculo, né.
Que eles não são só tocadores,
eles são atores, dançarinos, eles são performers.
Eles têm uma noção de... de evento!
Aquilo ali quando chega é um evento, é um troço...
Embalado num pacote é um pacote de coisa boa.
Então eles chegam...
e fazem a música acontecer
de diversas formas.
No visual... no auditivo,
e também na imaginação.
Eles estão num topo artístico.
Dessa galera aí eu acho que eles têm essa coisa.
Eles primam por essa excelência no espetáculo deles.
Tem muita gente que fala da cultura.
Falar, ler é fácil.
Agora fazer... é outra história.
E meu pai foi crescido dentro da cultura,
fazia e contava a história...
e da cultura, do trabalho e sofrimento do agricultor,
ele transformou tudo em alegria,
porque a vida dele de agricultor não é fácil.
Hoje nós "representa" e o povo acha graça...
porque a gente transforma em alegria.
Mas na prática, na verdade, é sofrido e é pesado.
Pouca gente tem coragem de enfrentar a cultura.
Você acordar de madrugada, 5h/4h da manhã,
que o agricultor no sítio...
ele 4h da manhã, 3h, já tá acordado!
A muié já tá com o café feito.
Ele já começa cedo a fazer o movimento.
Ali já é batendo uma enxada, amolando uma foice.
Então, essa banda já vem de muito longe.
A gente só conta, que Raimundo conta,
do meu avô pra cá, até nós aqui, né.
Mas antes dos filhos deles, de nós e os filhos do meu avô,
já existia a banda, ele já tinha a banda.
É história de muitos séculos!
Aí o meu avô, ele chamava José Lourenço, né.
Os amigos dele botou o apelido de Anicete.
"Ei, Anicete!"
Aquilo foi... caindo na boca do povo e tudo.
Aí ficou ele sendo conhecido por José Anicete.
§
[Carlos] E eu acho que eles têm...
essa beleza na existência deles.
E ainda bem que é um rio...
que vai continuar correndo por muito tempo,
que tá se renovando através dos filhos,
dos sobrinhos... dos netos deles.
Isso é o espetáculo!
Eu acho que a gente tem...
eu tenho orgulho de ser brasileiro.
Com eles, assim, eles me representam muito.
Então, hoje... a gente tá continuando Os Irmãos Anicete,
porque na história...
ficou quase a mesma formação...
dos cinco irmãos.
Porque tem três irmãos aqui, que é filho do mestre João.
E eu e o Cícero somos filhos do mestre Antônio.
Então a gente se considera primo e irmão.
Então ficou os mesmos 5, os 5 Irmãos Anicete.

§

§

[José] Os irmãos Anicete continuam no trabalho da taboca.
Essa taboca, ela...
foi descoberta pelos índios aqui do pé da Serra.
Aí nós faz o trabalho, em casa mesmo,
tá aqui o fogão a lenha.
Aqui é as ferramentas que a gente fura,
o primeiro pife, terceiro... pifero.
Então a gente faz um fogo a carvão ou a lenha mesmo,
pega essa taboca... essa aqui, vem aqui.
Eu faço isso...
Não pode sair pro outro lado!
Aí eu venho de novo aqui, venho com esse...
Vai...

[Mulher falando ao longe]
Chama seus acabamentos.

Bom, aqui são 6 notas, né?
Então esse aqui a gente já vai ver se vai dar uma nota.
A gente vem com 3 dedos pra cá, mais 3 pra cá...
Aí consegue aqui, ó!
§ Taboca §

§ Música animada §

§

§

[Adriano] Os novos, poucos que querem trabalhar na cultura.
Ninguém quer mais trabalhar na cultura, pegar uma enxada...
ir pra uma roça com uma foice brocar o mato.
Então estão todos mais focados pra cidade.
É estudar, trabalho em firma, essas coisas.
Alguns que ainda mexem com roça é que nem nós,
que vem de uma tradição.
E umas pessoas mais velhas que ainda moram aqui,
que ainda botam uma roça, luta, porque tem aquilo na mente.
o que aprendeu, a aula foi aquilo e ficou.

Então da natureza a gente pode aproveitar muitas coisas.
Criar, ser um artista, um músico.
Trabalhando na natureza é só prestar atenção, pesquisar...
que a natureza ensina muitas coisas à gente, viu.

§

§

§

§

§

§